

CENÁRIOS ELEITORAIS 2026 · PÓS-1º TURNO

Flávio Bolsonaro na Frente: Impactos Esperados para o Agronegócio

1º turno (04/out): Flávio 47,0% x Lula 45,2% dos votos válidos • 2º turno: 25/out/2026

Síntese objetiva dos principais vetores de impacto para o agronegócio no cenário de vitória de Flávio Bolsonaro no 2º turno.

Juros, Câmbio e Crédito

O que muda no custo de capital, no caixa do exportador e nas condições de financiamento

JUROS – VIÉS DE QUEDA

Sinalização fiscal mais ortodoxa e equipe econômica com perfil mais próximo ao mercado reforçam a aposta em trajetória de corte mais rápido da Selic, reduzindo o custo de capital para custeio e retomada dos investimentos.

CÂMBIO – PRINCIPAL PONTO DE ATENÇÃO

Valorização do Real (dólar médio de 2027 recua de R\$ 5,30 para R\$ 4,90–5,10) reduziria as paridades de exportação, pressionando as margens dos grãos em recuperação na safra 2026/2027 – o setor já monitorava esse risco. Cada 1% de valorização do Real equivale a cerca de 13 cents/bushel na soja. É o principal contraponto “negativo” da vitória de Flávio para o agronegócio.

CRÉDITO – AMBIENTE MAIS FAVORÁVEL

Ambiente macro mais previsível tende a melhorar as condições de crédito para custeio e investimento, com maior peso de fontes privadas (LCA, CRA, Barter) e mais previsibilidade regulatória para o produtor.

Juros futuros em queda, com freios externos

A direção é de alívio no custo de capital; o ritmo depende do fiscal, do petróleo e do cenário global

O que favorece

- Juros futuros recuam e prêmio de risco doméstico melhora
- Possível entrada de capital estrangeiro; ETF do Brasil em Nova York subiu forte
- Elevada probabilidade de queda de câmbio e de juros
- Quanto maior o compromisso fiscal, maior o espaço para queda dos juros

O que limita

- Brent acima de US\$ 100 (tensão EUA-Irã, Ormuz) pressiona inflação e dificulta a queda da Selic
- Dólar forte no mundo e Fed: payroll fraco reduziu apostas de alta em outubro, dezembro segue no radar
- Resultado do 2º turno e a equipe econômica ainda não estão definidos

Efeito no agro

- Custeio e investimento mais baratos, de forma gradual
- Alívio para empresas do agro com alta alavancagem
- Maior peso de crédito privado (LCA, CRA, Barter) e previsibilidade regulatória
- Contrapeso: Real mais forte pesa sobre exportadoras

Real mais forte encontra safra pouco travada

Insumos comprados a R\$ 5,14; a maior parte da venda ainda está exposta ao câmbio pós-eleição

R\$ 5,14

dólar médio na compra de insumos da safra 2026/2027

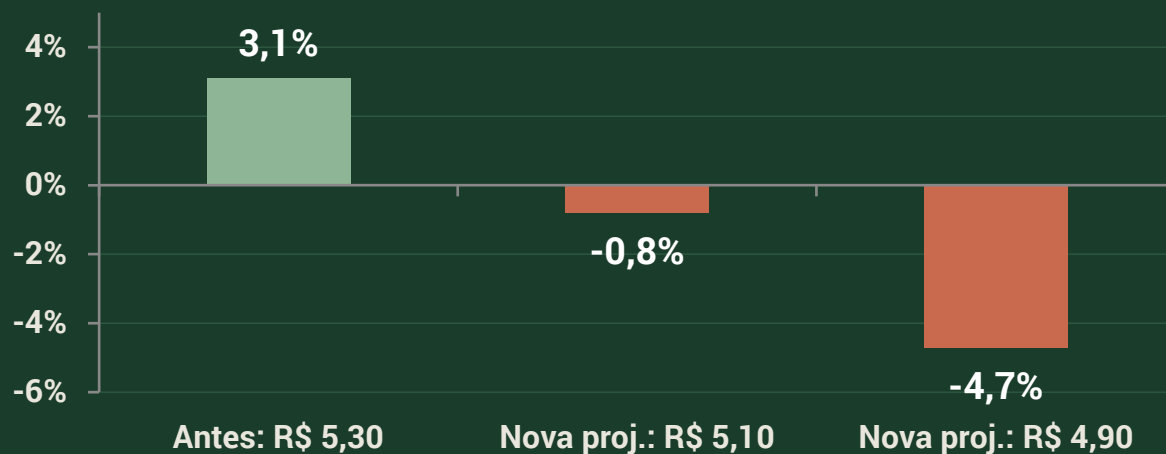
29%

da soja 2026/2027 travada antes da eleição (71% exposta)

12%

do milho 2ª safra de 2027 travado (88% exposto)

Dólar de venda vs. insumos (R\$ 5,14), em %

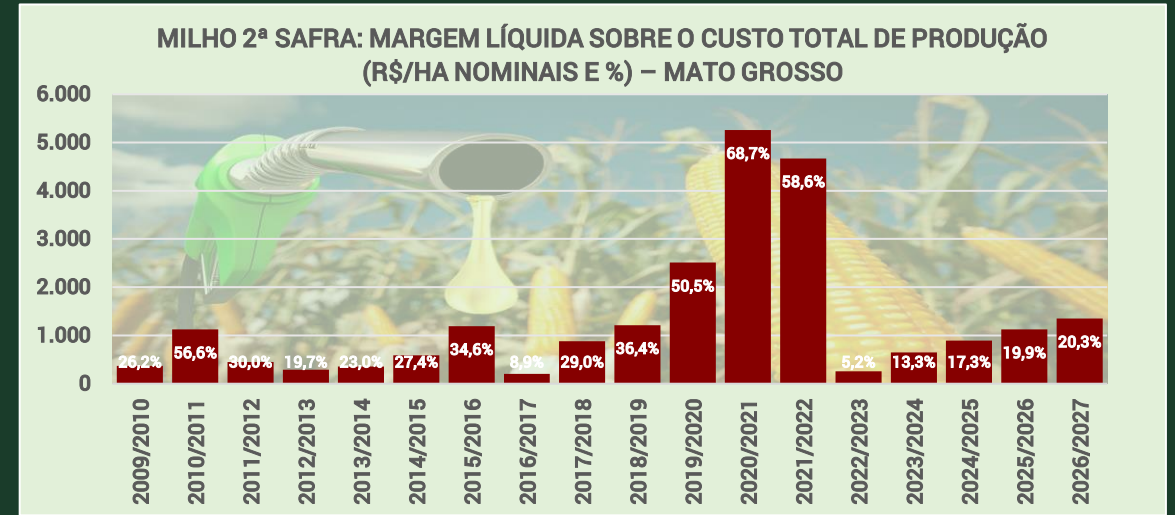
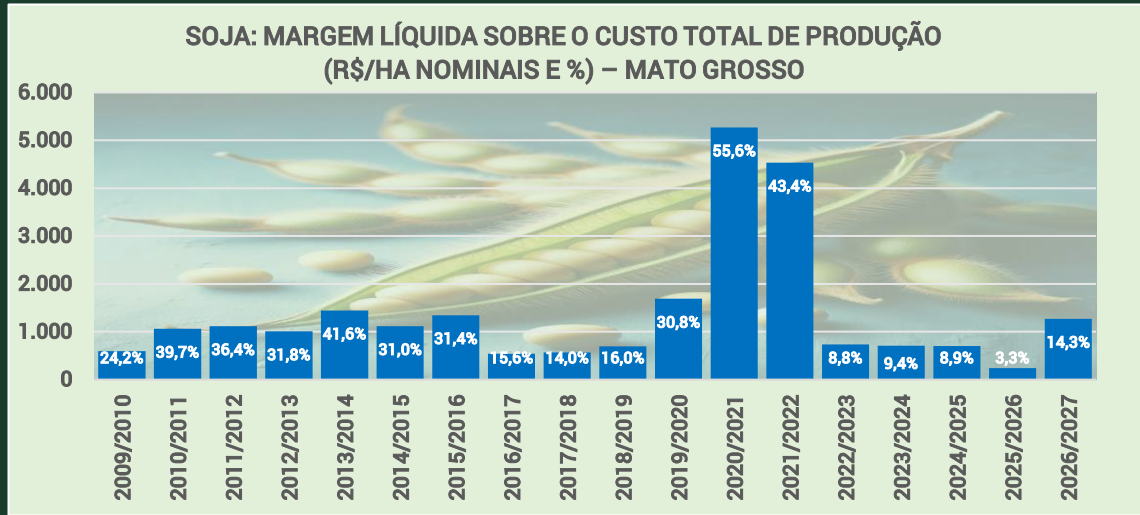


O que isso faz com a receita

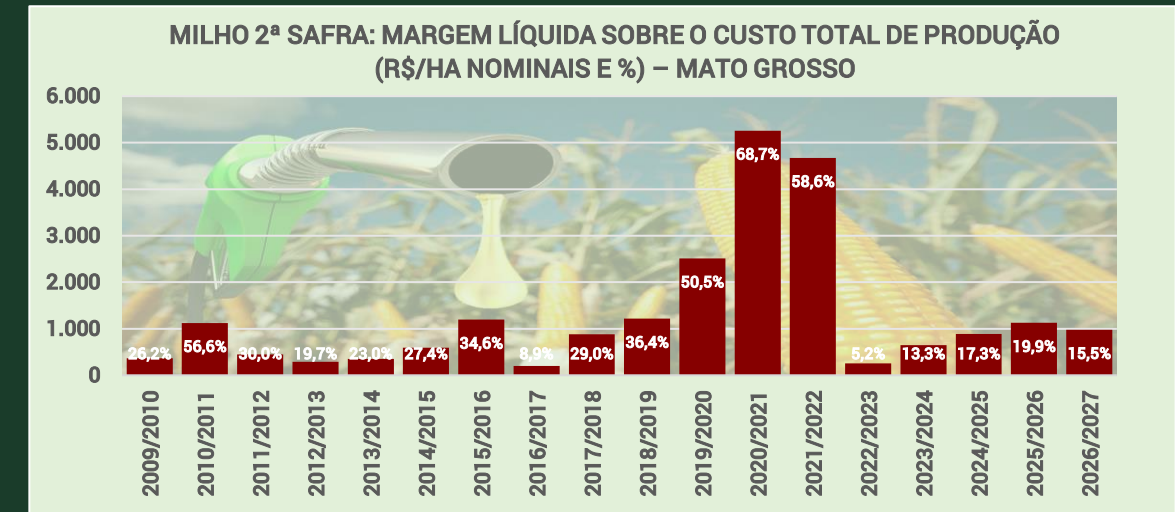
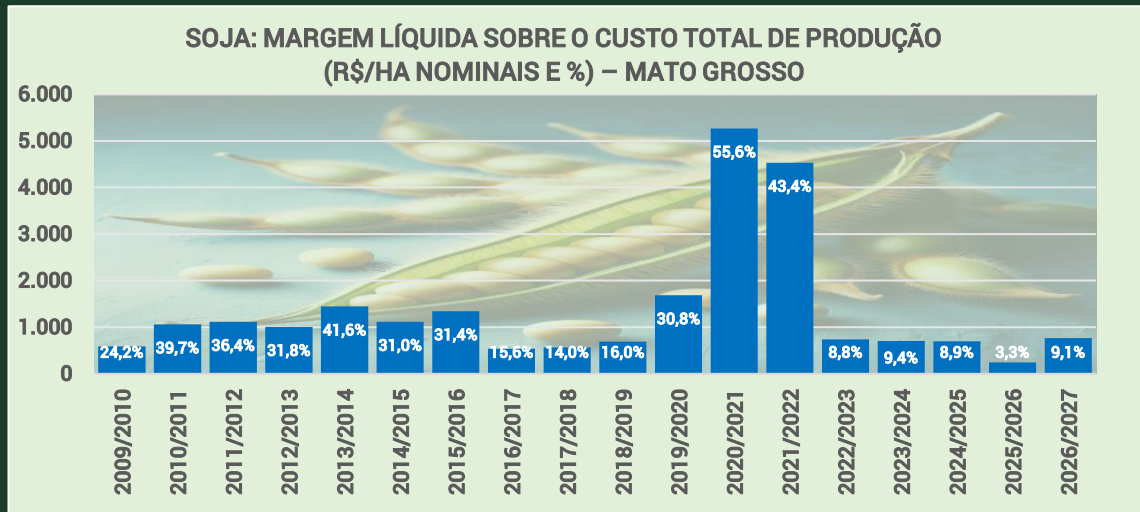
- Parte exposta perde 3,8% a 7,5% de receita em Reais frente ao esperado com dólar a R\$ 5,30
- Na receita total: soja 2,7% a 5,4% menor; milho 2ª safra 3,3% a 6,6% menor
- Equivale a cerca de 49 a 98 cents/bushel na soja não fixada (cada 1% de câmbio = 13 cents/bushel na soja)
- Venda abaixo do dólar dos insumos (R\$ 5,14) piora a relação de troca

Estimativa simplificada: preço em dólar (Chicago e prêmios) constante; parte travada protegida

Impactos no Câmbio: Projeção de Rentabilidade Líquida dos Grãos antes das eleições (US\$ = R\$ 5,30)



Impactos no Câmbio: Projeção de Rentabilidade Líquida após o Resultado do 1º Turno (US\$ = R\$ 5,00)



Pressão em 2026/2027, alívio em 2027/2028

O movimento do Real pesa nas margens atuais, mas favorece o próximo ciclo de custos e investimentos

2026/2027: margens dos grãos pressionadas

- Dólar médio de 2027 recua de R\$ 5,30 para R\$ 4,90 a R\$ 5,10, reduzindo as paridades de exportação
- 71% da soja e 88% do milho 2ª safra seguem expostos à valorização do Real
- Prêmios de exportação: sinais divergentes. Há risco de queda para manter competitividade; por outro lado, pode haver menos pressão vendedora do Brasil
- Produtor tende a retardar vendas; ritmo de comercialização poderá desacelerar
- Freios à queda do dólar: dólar forte no mundo, petróleo alto e incerteza fiscal e política na Europa

2027/2028: custos mais leves e retomada gradual

- Dólar de R\$ 4,90 a R\$ 5,10 contra R\$ 5,14 dos insumos atuais: queda de 0,8% a 4,7% na parcela dolarizada do custo, se mantido
- Menor pressão sobre insumos e custos de produção para a safra 2027/2028
- Queda dos juros futuros melhora a atratividade para retomada gradual de investimentos
- Janela a avaliar: compra antecipada de insumos 2027/2028 com câmbio mais baixo
- Condição: compromisso fiscal confirmado no 2º turno e na equipe econômica

Biocombustíveis e Máquinas Chinesas

Frentes específicas a monitorar na transição de governo

BIOCOMBUSTÍVEIS

Prioridade do setor é elevar a mistura de biodiesel a 17% (B17) em março/2027. Os dois candidatos do 2º turno já assumiram compromisso com a Lei do Combustível do Futuro — ponto de convergência. Segue, porém, receio quanto à posição "pró combustíveis fósseis" de assessores de Flávio (ex-ministro Sachsida) sobre etanol. Flávio disse que a mistura de etanol pode ser rediscutida.

MÁQUINAS CHINESAS

Viés mais liberal e aberto ao comércio exterior tende a facilitar o ingresso de máquinas e equipamentos agrícolas chineses, intensificando a concorrência com fabricantes tradicionais no Brasil — tema a monitorar nas políticas de conteúdo local e tarifas de importação. Real mais forte barateia o equipamento importado em Reais.

Reaproximação com os EUA, China segue central

Guinada à direita na América do Sul

Estados Unidos

Flávio consolida a guinada à direita da região e amplia a influência de Trump. Reaproximação pode reduzir as tarifas impostas pela Casa Branca.

China

A dependência comercial do Brasil não diminui: a China segue entre os maiores parceiros. O desafio é a reaproximação com os EUA sem desgaste com a China.

Argentina e região

Flávio deve buscar aproximação com a Argentina, mas as implicações econômicas são limitadas.

Equipe e transição (nomes cotados)

Fazenda: Marcelo Kayath. Planejamento: Daniella Marques.
Casa Civil: Rogério Marinho. Cenário-base é de transição suave.

Ponto de atenção: Itamaraty

Setor teme desgaste com China e países árabes se Eduardo Bolsonaro assumir o MRE; Flávio diz que o Itamaraty não terá viés ideológico.